

RELATÓRIO SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS KARAJÁ QUE HABITAM NO MUNICÍPIO DE SANTANA DO ARAGUAIA, NO ESTADO DO PARÁ.

I. INTRODUÇÃO

Os Karajá, cuja língua inclui-se no tronco linguístico Macro-Jê, subdividem-se em 3 sub-grupos: Os Javaé, Os Xambioá e os Karajá propriamente ditos.

Habitantes tradicionais das margens do rio Araguaia, costumavam estabelecer suas aldeias nas barras deste rio com seus tributários e no interior da Ilha do Bananal.

A densidade e a localização de suas aldeias variavam de acordo com as duas estações existentes naquela região. Durante o verão (set./março) acampavam em pequenos grupos, nas praias formadas pelo rio Araguaia e Javaé. Sua principal atividade econômica nesse período do ano era a pesca. No inverno, com o aumento do volume das águas, quando a pesca tornava-se mais difícil de ser praticada, os Karajá se estabeleciam em aldeias maiores, em terras altas (barreira), e a agricultura passava a ser sua principal fonte de subsistência.

Segundo Maria Heloisa Fenelon Costa, os primeiros contatos dos Karajá com os "civilizados" datam provavelmente de fins do século XVI e início do XVII. A partir daí foram cada vez mais se intensificando.

"Com a chegada do branco, algumas mudanças fundamentais ocorreram na relação do Karajá com o meio ambiente. A ocupação de seu território pela população branca fez com que não fosse mais possível o antigo regime de subsistência. Ou se adotava uma aldeia permanente para a maior parte do ano, ou as terras altas onde se localizavam as aldeias na estação das chuvas seriam fatalmente ocupadas

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

pela população branca". (Torai, A., 1980: V) Assim, a localização das aldeias Karajá se modificou bastante ultimamente. "De um modo geral ' pode-se dizer que as aldeias destes grupos se retraíram consideravelmente, restringindo-se somente às margens do curso principal do Araguaia e do rio Javaé. Tanto as aldeias Javaé (em maior número) e Karajá que existiam no interior da Ilha do Bananal, bem como as aldeias ' Karajá localizadas nos tributários do Araguaia deixaram de existir" . (Torai, A., 1980: IV e V).

A medida que a região do Araguaia vem sendo ocupada e se intensificam os contatos entre os Karajá e essa nova população, o número dos Karajá vem se reduzindo.

Em 1888 foram estimados em 4.000 índios, por Ehrenreich . Nos dias de hoje eles não chegam a somar 2.000 indivíduos. O que demonstra que a população Karajá foi reduzida a metade em menos de 100 anos!

Atualmente os Karajá encontram-se assim localizados: Os Javaé, às margens do rio Javaé e no interior da ponta norte da Ilha do Bananal; os Xambioá em uma única aldeia, na margem direita do Araguaia ao norte da Ilha do Bananal; e os Karajá propriamente ditos, às ' margens do Araguaia, desde Aruanã (GO) até Santana do Araguaia (PA).

"A maior sedentarização dos Karajá" levou ao incremento da atividade agrícola (principalmente para os grupos que não vivem em contato permanente com o branco e com assistência da FUNAI, nas terras do Parque Indígena do Araguaia, e que, conseqüentemente, ainda ' tem terras disponíveis para roças) e da atividade artesanal (principalmente entre os grupos que convivem com a população regional). Entre esses grupos que vivem com o branco é comum também a sua inserção no mercado regional como mão de obra numa gama variada de serviços ' prestados. Incapazes de se manterem através das atividades em que tradicionalmente eram especialistas (como práticos do rio, pescadores e

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

artesões) os Karajá trabalham como peões nas fazendas, trabalham em regime de meia com a população regional ou, se for mulher, lavando roupa, prostituindo-se, etc". (Toral, A. 1980: V e VI).

A FUNAI vem prestando assistência aos Karajá, através do Parque Indígena do Araguaia, criado pelo DEC. 69263 de 22.09.71, e de mais dois Postos, localizados fora do Parque, o PI Xambioá, (GO) que assiste aos únicos sobreviventes Xambioá, e o PI Tapirapé (MT) que assiste também a um grupo Tapirapé. No interior do Parque Indígena do Araguaia existem quatro Postos Indígenas: o PI Santa Isabel do Morro, o PI Macaúba, o PI Fontouro e o PI Canoanã.

Todavia, existem ainda vários grupos Karajá e Javaé que habitando fora da área do Parque Indígena do Araguaia, não recebem praticamente nenhuma assistência da FUNAI. Apresentamos em anexo (anexo I), quadro elaborado por André Amaral de Toral, contendo o levantamento desta população Karajá, apresentado em seu trabalho "Os grupos Karajá não assistidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) "1980. No quadro elaborado pelo pesquisador não constam os dois grupos Karajá que residem no município de Santana do Araguaia (PA), e sobre o qual trataremos no presente trabalho.

II. DESENVOLVIMENTO

1. Os Karajá de Santana do Araguaia

Em 1893, quando foi fundada a cidade de Santana do Araguaia, os Karajá já habitavam naquela região do Araguaia.

Contam os moradores mais antigos que naquela época eles "eram muitos", e permaneciam em terra firme apenas durante as cheias do rio, no inverno. À medida que as águas começavam a baixar e as praias do Araguaia começavam a surgir, os Karajá iam para elas se deslocando, e lá permaneciam por todo o verão, até que novamente as águas subissem e os levassem de volta para as terras altas.

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Atualmente estão reduzidos a 31 elementos, dentre os quais 4 são Javaé, e não se deslocam mais para as praias que surgem no Araguaia, durante o verão.

Encontram-se divididos em dois grupos. Um constituído de onze pessoas, distribuídos em 3 casas. (Aldeia Maramanduba), e outro formado por dezenove pessoas, vivendo em cinco casas (Aldeia Santo Antonio). Esses dois grupos são na verdade, duas famílias extensas, aparentadas entre si, como veremos mais adiante.

Além dos elementos desses dois grupos existe ainda uma menina Karajá que mora com a Sra. Maria do Carmo Fontenelle, atendente de enfermagem contratada pela FUNAI, em Santana do Araguaia. Esta menina é filha de uma índia da aldeia Santo Antonio com um civilizado e foi dada por sua mãe para a Sra. Maria do Carmo.

A aldeia Maramanduba localiza-se à cerca de 1 Km da última moradia de Santana do Araguaia, às margens do Araguaia, numa área de aproximadamente 57 ha (anexo 2). E a Aldeia Santo Antonio encontra-se localizada numa área de 3.600 ha aproximadamente, à cerca de 6 Km de Santana do Araguaia, subindo o rio (anexo 2).

Tanto num como noutro grupo os elementos reconhecidos como líderes são do sexo feminino. A líder da aldeia Maramanduba é uma índia, de cerca de 65 anos, seu nome é Terahi, para os Karajá, e Benta para os civilizados, ou "tori". Todos os elementos de seu grupo, com exclusão de seu marido, descendem dela ou são casados com um seu descendente. No outro grupo Inez ou Belawarú, ocupa uma posição semelhante a de Benta e é também ela o elemento reconhecido como líder. Na realidade, acreditamos que o que leva as pessoas a reconhecerem essas duas mulheres como líderes é a posição ocupada por elas nas relações de parentesco com os outros elementos de seus respectivos grupos. É que na sociedade Karajá é a mulher quem tem o poder de decisão em relação aos problemas relativos a sua casa e a seus familiares.

C1

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

res, que é o que ocorre nos dois grupos que são, na realidade, dois grupos domésticos.

Inez e Benta são primas e nasceram e cresceram nas margens do Araguaia. Suas famílias moravam numa só aldeia, nas proximidades do local onde se localiza hoje a aldeia Maramanduba. Entretanto, atualmente elas não mantêm um relacionamento amigável, o que implica na separação total entre os dois grupos, uma vez que a elas cabe a última palavra sobre esses problemas. O motivo da discórdia entre Inez e Benta está ligado diretamente a um aspecto próprio da cultura Karajá, conforme observou Maria Heloisa Fenelon Costa, em seu livro "Arte e o artista na Sociedade Karajá". Segundo esta pesquisadora "entre os Karajá as principais causas de desentendimento são as suspeitas (justificadas ou não) de adultério, e as de prática da feitiçaria". (Fenelon Costa, N.H., 1978: 40). E são justamente suspeitas de prática de feitiçaria que mantêm esses 2 grupos separados. Inez e seus familiares temem Benta, acusando-a de ser feiticeira. Isto parece que decorre do fato de Chico (Txoini), marido de Benta, ser reconhecido pelos índios como "médico de Karajá". Segundo Inez, "quem sabe tirar feitiço sabe também colocar". E talvez, em virtude do grande poder exercido por uma mulher sobre o seu marido dentro da estrutura familiar Karajá, o pessoal de Inez acaba por atribuir o poder de feitiçaria não só ao marido de Benta, porém mais precisamente sobre a própria Benta, uma vez que seu marido só usará seus poderes com o seu consentimento.

Além dos dois grupos de Santana do Araguaia, existem mais 12 Karajá que moram nas proximidades de Barreira de Campo, uma vila localizada a aproximadamente 100 Km de Santana do Araguaia, pertencente ao município, subindo o rio Araguaia. São quatro mulheres, casadas com "civilizados", e seus filhos. As quatro são filhas de duas irmãs que atualmente moram na aldeia Santo Antonio, que eram

CA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

casadas com um mesmo homem, o velho Gabriel, ou Ereheni como era chamado pelos Karajá. Até 1980 toda essa família morava em Barreira do Campo. Com a morte de Gabriel, nesse ano, uma de suas esposas foi morar na aldeia Santo Antonio e, por ocasião de nossa viagem a Barreira do Campo com o objetivo de levantar a situação dos Karajá que lá residem, a outra esposa de Gabriel retornou conosco, no barco a motor da FUNAI, a fim de se fixar também na aldeia Santo Antonio, trazendo com ela uma de suas netas.

Em janeiro de 1980, quando o pesquisador André de Toral esteve em Barreira do Campo, encontrou esses Karajá vivendo em quatro casas, na periferia da cidade, somando quinze indivíduos. Nessa época, Gabriel e suas esposas ainda viviam lá.

Atualmente, em Barreira do Campo só tem duas casas habitadas por Karajá, onde moram duas das quatro irmãs, seus maridos e seus filhos. As outras duas irmãs moram no interior. O marido de uma tem posse de uma terra em Mandi, uma localidade à cerca de 100 Km de Barreira do Campo, e o marido da outra trabalha na fazenda CODESPA.

Em anexo, um quadro com a relação nominal dos Karajá que habitam na região compreendida entre Santana do Araguaia e Barreira do Campo (PA), bem como suas respectivas idades e locais de nascimento (anexo 3).

Vivem, esses Karajá, basicamente da pesca. Os produtos obtidos nas pescarias são usados tanto para o consumo como para a comercialização. Fazem pequenas roças, onde plantam mandioca, arroz, amendoim, melancia, banana, cará, e batata doce. Assim como plantam diversas árvores frutíferas no terreiro em torno das casas. Além da pesca e da agricultura, a caça é uma outra fonte de subsistência dos índios, porém esta cada vez em menor escala, a medida em que a região vem sendo ocupada.

Para pescar os Karajá usam arco e flecha, anzóis ou redes.

GA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Nas caçadas se utilizam de espingardas e também do arco e flecha. Todavia, ainda é o arco e a flecha o instrumento mais utilizado, pelo menos nas pescarias.

Dedicam-se também a fabricação de artesanato (cestos, colares, anéis de caroço de tucumã, tangas, etc) e de cerâmica (potes, bonecas, etc), os quais comercializam com os regionais e, principalmente com os turistas que frequentam essa região durante o verão.

Os artesanatos e cerâmicas fabricados pelos índios são muito procurados pelos turistas. Acreditamos, aliás, que o Índio Karajá vem sendo usado pelas autoridades municipais como atração turística para os seus municípios. Assim se explica o fato de as autoridades municipais de Santana do Araguaia (PA) e Luciara (MT), onde existem aldeias Karajá mais antigas que os próprios municípios, e de Aruanã (GO), oferecerem a FUNAI, doar terras para esses índios, quando o que ocorre, via de regra, é a FUNAI ser atacada pelas autoridades municipais quando intervêm a fim de garantir a posse das terras de seus tutelados.

Um ex-prefeito de Santana do Araguaia chegou mesmo a ir procurar um grupo Karajá que havia se deslocado de Santana para Cascara (GO) e pediu para que o mesmo retornasse para Santana, prometendo-lhe doar uma faixa de terras às margens do Araguaia. Este caso se passou por volta de 1970. Os índios realmente retornaram para Santana, porém as terras onde se encontram ainda não foram regularizadas, em seu nome.*

2. A Ação da Fundação Nacional do Índio entre os Karajá de Santana do Araguaia.

A FUNAI vem prestando alguma assistência à esses índios através da 7ªDR e, até 1979, também através da 2ªDR.

* Este fato foi narrado por Benta, a líder do grupo da aldeia Marãman duba.

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

A 2ªDR enviava medicamentos, gêneros do INAM, arame, etc. Em 1979 enviou um motor de popa e, a partir daí, recursos para aquisição de combustível para a manutenção do mesmo.

A 7ªDR mantém uma atendente de enfermagem em Santana do Araguaia, com o objetivo de assistir os Karajá que habitam naquele município. Envia também a EVS, em visitas periódicas.

Quatro elementos da aldeia Santo Antonio e um da aldeia Maranduba estão aposentados pelo FUNRURAL.

Na aldeia Manramanduba existem 3 crianças em idade escolar. Todas três possuem bolsas de estudos fornecida pela FUNAI, através da 7ªDR e cursam o 1º grau na Escola Estadual Castro Alves, localizada em Santana do Araguaia.

As crianças da aldeia Santo Antonio em idade de frequentar a escola também recebem bolsas de estudo da FUNAI. Entretanto, devido à distância da aldeia para Santana do Araguaia (6 Km, subindo o rio), não é possível a elas frequentarem a escola de Santana, para solucionar este problema foi solicitada uma professora ao MOBRAF, que se desloca para a aldeia para dar aulas às crianças. No período em que estivemos em Santana do Araguaia esta professora não estava indo à aldeia. Segundo a atendente de enfermagem lá mantida pela FUNAI, esta professora encontrava-se doente. Porém os índios nos informaram que ela só esteve lá duas vezes durante este ano.

3. A situação das Terras habitadas pelos Karajá de Santana do Araguaia.

A área onde se encontra a aldeia Manramanduba, inclui-se numa maior, de 285 metros de frente por 1.000 metros de fundo, oferecida em 1970 pelo Prefeito de Santana do Araguaia à FUNAI, para ser habitada pelos índios que moravam naquele município.

Uma equipe da FUNAI designada para estudar a proposta "in loco", concluiu que era muito pequena para ser ocupada pelos 56 Karajá

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

existentes, e solicitou à Prefeitura que a área fosse ampliada, no que a Prefeitura concordou, aumentou-a para 600 metros de frente por 2.000 de fundos.

Levado o problema para o DGPI opinar, o mesmo se pronunciou como contrário a extensão da área, considerando-a pequena para abrigar 120 índios, uma vez que constava no relatório da equipe que além dos 56 existentes em Santana, haviam mais, cerca de 60 Karajá espalhados pelas proximidades, que para lá se deslocariam tão logo fosse criado o Posto, o que era a intenção da FUNAI na época. Foi então sugerido pelo DGPI, que a equipe retornasse à região para escolher uma área de no mínimo 1.200 ha. Feito isto, a FUNAI deveria regularizar a terra escolhida para os índios, em virtude de se tratar de área de ocupação imemorial, e a eles pertencer por direito.

Foi então escolhida uma outra área, medindo cerca de 6.000 metros de frente por 5.000 de fundos, correspondentes aos lotes de nº 1 e parte do nº 2 da planta geral do município, caracterizadas como área devoluta do Estado, e mais uma ilha, denominada Inajá, medindo aproximadamente 6.000 metros de comprimento por 3.000 metros de largura, que segundo a equipe, "poderia ser utilizada pelos índios para as caçadas e pequenas culturas", conforme é utilizada atualmente. Tratando-se de área devoluta do Estado do Pará, a FUNAI solicitou ao mesmo que fosse feita a doação das terras para os índios. Isto já em abril de 1973. Em janeiro de 1974, o Governo do Estado do Pará informou à FUNAI que a área por ela pretendida no município de Santana do Araguaia incide em terras tituladas em nome de Martinho de Lima Alencar, Título Definitivo nº 45, expedido em 30.12.61.

Enquanto isto, na região, um funcionário da FUNAI para lá designado, acreditando que as referidas terras seriam regularizadas em nome dos índios e por estar sendo prejudicial aos mesmos a permanência junto aos civilizados (alcooolismo, prostituição, etc), transferiu-os para dentro da área que estava sendo requerida pela FUNAI, on

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

de hoje se encontra a aldeia Santo Antonio. Isto ocorreu por volta de 1.973/74. Porém só o grupo de Inez concordou com a transferência, o grupo de Benta permaneceu no local, onde hoje ainda se encontra, numa área de aproximadamente 57 ha, que foi o que restou da área maior inicialmente oferecida pelo Prefeito de Santana, que segundo o relatório do Sr. Salim Costa de Oliveira, datado de 22.02.73 foi cercada e vendida pelo "proprietário".

Na área da aldeia Santo Antonio existiam 05 posseiros, em 1973, que lá residiam a cerca de 10 a 20 anos. Atualmente a maioria desses posseiros se retirou dessa área, acreditando que seriam indenizados pela FUNAI, que regularizaria a situação da mesma em nome dos índios.

III. CONCLUSÃO

A situação dos Karajá de Santana do Araguaia não pode ser entendida isoladamente, separada da situação dos Karajá como um todo. As aldeias de Santana, assim como as de Luciara, Aruanã, P. Luiz Alves, Barreira de Mirindiba e as outras relacionadas por André de Torral, constituem o que este pesquisador denominou de "aldeias independentes". Essas "aldeias independentes", localizadas fora da área do Parque Indígena do Araguaia, também fazem parte da "nação Karajá", apresentando-se para os seus componentes como alternativas, quando se veem na contingência de abandonar suas aldeias de origem.

Vários são os motivos que levam os Karajá a se deslocarem de uma aldeia para outra. Acusações de prática de feitiçaria, desentendimentos que gerem mortes, ou mesmo um casamento, podem levar um Karajá, ou uma família Karajá, a se deslocarem de sua aldeia para uma outra. Assim, observamos que para o "funcionamento" do sistema social Karajá é fundamental a existência de várias aldeias.

Acreditamos, aliás, que esse aspecto da cultura Karajá, bem

A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

como a existência de aldeias tradicionais (como Santana do Araguaia e Luciara) fora do PCARA contribuem consideravelmente para o fracasso da FUNAI em sua tentativa de reunir os Karajá dentro da área do mesmo.

Há algum tempo a FUNAI vem tentando reunir esses índios, que vivem fora da área do Parque, dentro de seus limites, sem obter êxito. Já é tempo de reconhecer que isto não é possível e estudar a situação de cada um desses grupos, para com base esses estudos, buscar a melhor forma de lhes prestar a assistência a que tem direito.

A seguir, apresento algumas medidas que deverão ser adotadas pela FUNAI em relação aos Karajá de Santana do Araguaia.

1. Determinar que a jurisdição desses grupos fique para a 7ª DR, apesar de encontrarem-se em área de jurisdição da 2ª DR, uma vez que é a 7ª DR que vem prestando uma assistência mais efetiva a esses grupos, e que tem maiores facilidades de acesso a área em que se localizam.

2. Lotar um motorista de Lancha na área, tendo em vista a existência do barco a motor doado pela 2ª DR.*

3. Regularizar a situação das terras habitadas pelos dois grupos Karajá de Santana do Araguaia, uma vez que eles sempre viveram nessa região, e não querem se deslocar para a área do PCARA.

* Atualmente este barco é dirigido pelo Sr. José Raimundo Fontenelle, esposo da atendente de enfermagem, contratada pela FUNAI para assistir a esses índios.

Brasília-DF, 22 de Junho de 1981.


Carmen Sylvia Soares / Afonso
Antropóloga - DGO

CSSA/em

MOD.: 115

cl

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

BIBLIOGRAFIA

1. FÉNELON COSTA, Maria Heloisa. A Arte e o Artista na Sociedade Karajá. Fundação Nacional do Índio - Brasília. 1978.
2. TORAL, André Amaral de. Os grupos Karajá não assistidos pela Fundação Nacional do Índio(FUNAI).- São Paulo. 1980.
3. PROCESSO/FUNAI/7/OSS/71.

GRÁFICO 1 - Os Karajã sem assistência da FUNAI 1980.

Aldeia ou agrupamento	Composição básica do grupo :	Nº de habitantes :	Nº de casamentos inter-étnicos :	Localização : (Município)	Localização : (Estado)
Aruaná	Karajã	26	1	Aruaná	GO
Aldeia Corã	Karajã	4	1		GO
Aldeia Salinho	Karajã	5	1		MT
P. Luís Alves	Karajã e Javaé	24	-	São Miguel do Araguaia	GO
Barreira Mirindiba	Karajã	24	-	Formoso do Araguaia	GO
Luciara	Karajã	65	1	São Félix do Araguaia	MT
Lago Grande	Karajã	20	1	São Félix do Araguaia	MT
Barreira da Cruz	Javaé	17	-	Critalândia	GO
Barreira do Pequij	Javaé	11	1	Formoso do Araguaia	GO
Barreira do Carpo	Karajã	15	4	Conceição do Araguaia	PA

Total : 211 (+) 10

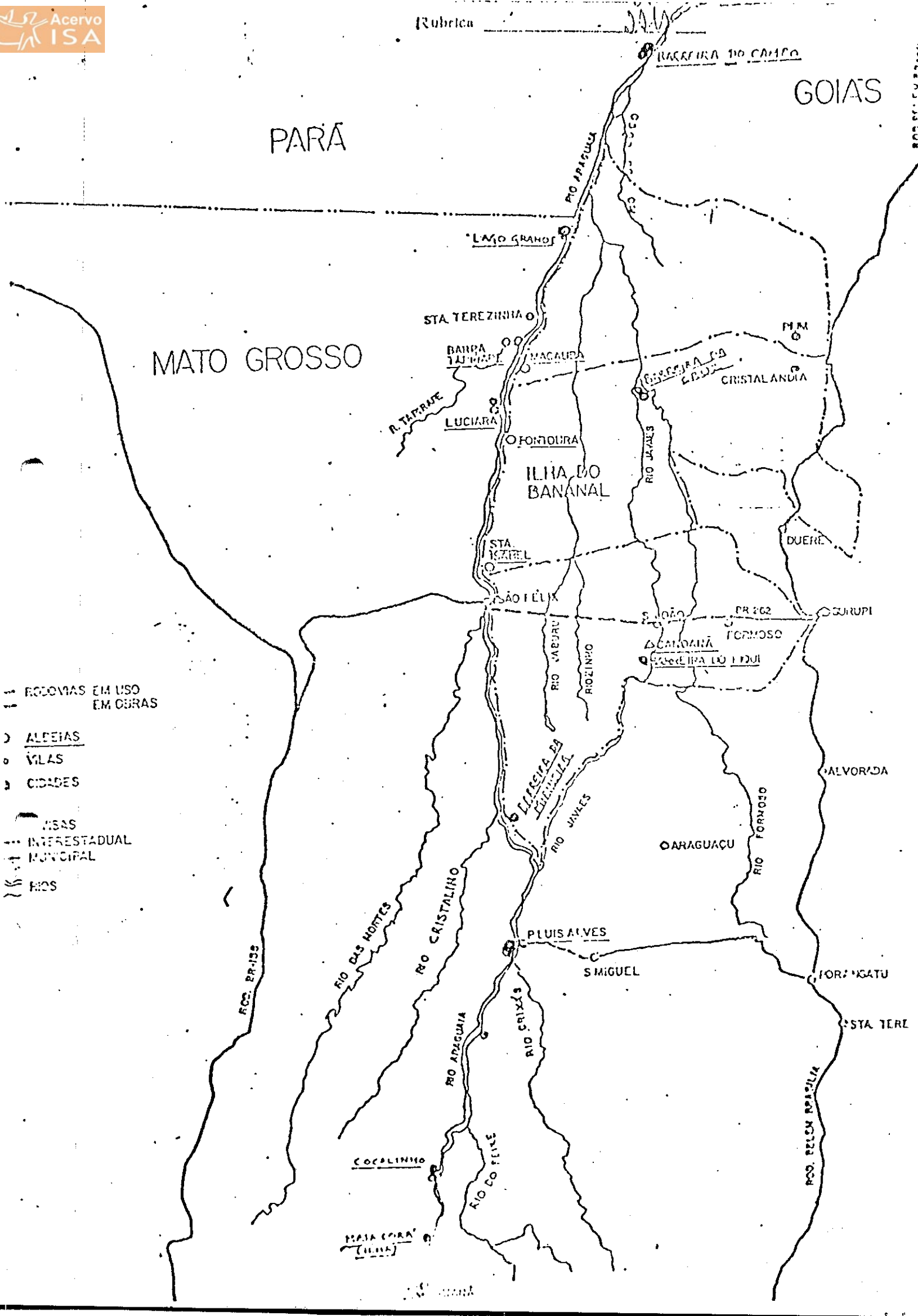
(+) Neste total não estão incluídos os Karajãs que vivem sem assistência da FUNAI nas proximidades de Santana do Araguaia.

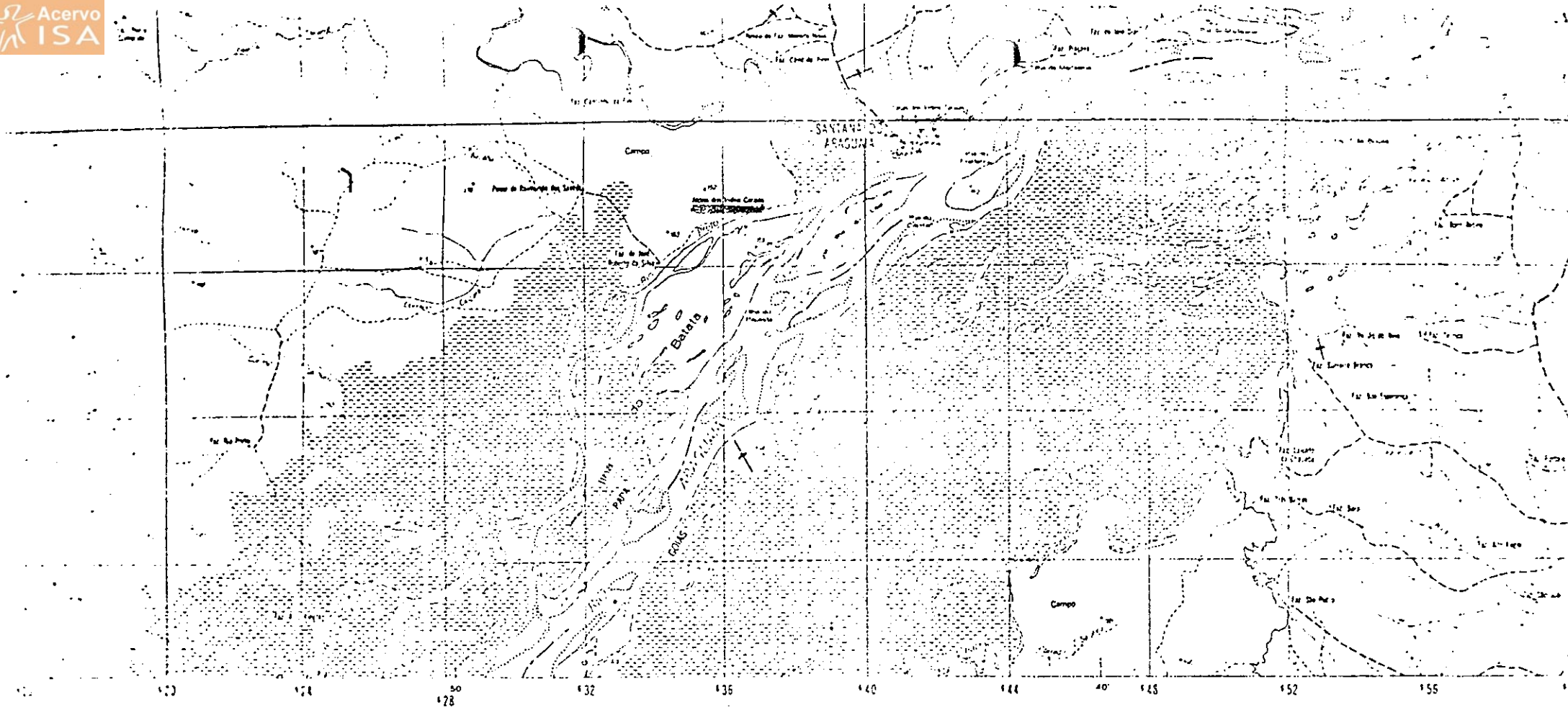
GOIAS

PARÁ

MATO GROSSO

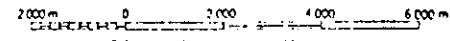
- RODOVIAS EM USO
- RODOVIAS EM CURAS
- ALDEIAS
- VILAS
- ◻ CIDADES
- ZONAS
- INTERESTADUAL
- - - MUNICIPAL
- ~ RIOS





PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR

1:160.000
ESCALA NUMÉRICA



Equidistância das curvas de nível: 40 metros
Origem da altitude: Equador e Meridiano 51° W Gr.
Acessadas as constantes: 10.000 km e 500 km respectivamente
Datum vertical: maregráfico, Anatólia, SC
Datum horizontal: SAD-57

Levantamento estereofotogramétrico topográfico regular
Anotografadas: 1967, acordo supramunicipal e reanulação
executadas em 1977 pela Superintendência de Geodésia,
serviços de levantamento e projeto para elaboração
reservados para Superintendência de Cartografia - IBGE

DIPE-TORIA DE GEODÉSIA E CARTOGRAFIA
PRIMEIRA EDIÇÃO - 1979

DEPARTAMENTO DE REPERCUSSÃO DE RELEVAMENTOS

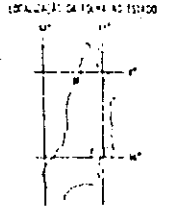
Impressão no Centro de Serviços Gráficos do IBGE
A DIM (DIRETORIA DE IMAGEM E CARTOGRAFIA) agradece o gentileza da
comunidade de terras dos municípios envolvidos neste trabalho

ESTRUTURA DE EDIFICAÇÃO

Residência	---	---
Residência	---	---
Comércio	---	---
Indústria	---	---
Estação de trem	---	---
Estação de energia	---	---
Estação de água	---	---
Estação de gás	---	---
Estação de saneamento	---	---
Estação de energia elétrica	---	---

APRESENTAÇÃO DE TERRENO

EST. 11111	EST. 11111	EST. 11111
EST. 11111	EST. 11111	EST. 11111
EST. 11111	EST. 11111	EST. 11111



HIPOGRAFIA

- Margem Sólida
- Curso d'água intermitente
- Lago ou lagoa intermitente
- Terreno sujeito a inundação
- Barragem
- Poço igual, horizontal
- Sítio, casarão ou estrada
- Cachoeira
- Carreiros, locais, travessão
- Funil de terra, aterro
- Funil de terra
- Arço
- Campos de aterramento, Farol
- Ilha, Estreito, Moço

VEGETAÇÃO

- Mato Rupestre, Cerrado, mata de campo
- Culturas permanentemente temporárias



ÍNDICE ALFABÉTICO

1 - SANTA HELENA
2 - SANTA HELENA
3 - SANTA HELENA

CIDADE
CIDADE
CIDADE

ANEXO 02

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ANEXO 03

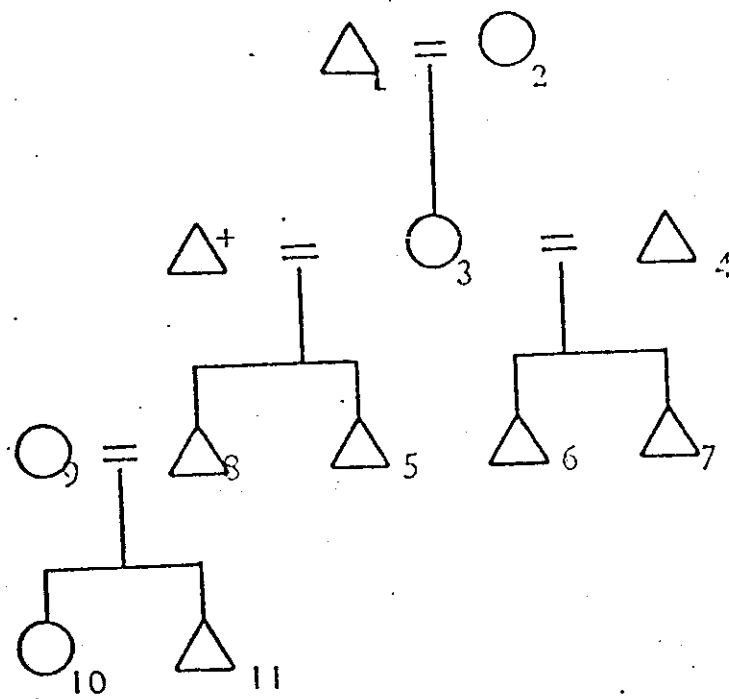
SANTANA DO ARAGUAIA

ALDEIA MANRAMANDUBA

	<u>NOME</u>	<u>IDADE</u>	<u>LOCAL DE NASCIMENTO</u>
1ª CASA	01. Benta (Terahi)	67	Santana do Araguaia
	02. Chico (Txoini)	70	Rio das Mortes
2ª CASA	03. Madalena (Arahidjá)	53	Santana do Araguaia
	04. Zezinho (Koriué) Javaé	50	Rio Javaés
	05. Sebastião (Kumari)	23	Santana do Araguaia
	06. Alfredo (Xiari)	10	" "
	07. Rogério (Arutana)	06	" "
3ª CASA	08. Mário (Idiahua)	32	" "
	09. Aparecida (Kohuti)	25	Paredão (GO)
	10. Selma (Ussanaki)	07	Santana do Araguaia
	11. Edson (Idieheri)	03	" "

ALDEIA MANRAMANDUBA

QUADRO DE PARENTESCO



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ALDEIA SANTO ANTÔNIO

	<u>NOME</u>	<u>IDADE</u>	<u>LOCAL DE NASCIMENTO</u>
1. ^a CASA	01. João (Iêcicá)Javaé	50	Rio Javaé
	02. Inez (Belawarú)	60	Santana do Araguaia
	03. Lúcia (Dinamá)	25	" "
	04. Valdeci (Kueinari)	19	" "
	05. Nair (Kuanadiki)	03	" "
	06. Leila (Brocotu)	02	" "
	07. Creuza (Bessavarú)	12	" "
2. ^a CASA	08. Benoi (Temanaku)	32	" "
	09. Eurides (Irari)	30	Araguacema (GO)
	10. Fátima (Xemarú)	03	Santana do Araguaia
	11. Dateus (Bitoterá)	28	" "
3. ^a CASA	12. Belinha (Bixoá) Javaé	28	Rio Javaés
	13. Vagner (Mairêa)	05	Santana do Araguaia
	14. Edson (Teguaré)	04	" "
	15. Diabraubiru	02 meses	" "
4. ^a CASA	16. Maria (Txocoé) Javaé	65	Rio Javaé
	17. Antonia (Duakanarú)	70	?
	18. Basília (Eruri)	75	?
	19. Sônia (Kuxibiá)	08	Barreira do Campo

CBS.: Antonia e Basília são as irmãs casadas com Gabriel, mães das 4 Karajá que moram em Barreira do Campo. Sônia é neta de Basília.

BARREIRA DO CAMPO

	<u>NOME</u>	<u>IDADE</u>	<u>LOCAL DE NASCIMENTO</u>
1ª CASA	01. Rosalina (Lawakuka)	26	Barreira do Campo
	02. Francisco*	?	?
	03. Kobitié	01 mês	Barreira do Campo
2ª CASA	04. Isabela (Moriweubu)	40	" "
	05. Domingos *	?	?
	06. Dedé (Ederokê)	11	Barreira do Campo
	07. Eliene (Rukanahi)	05	" "
3ª CASA	08. Regina (Diriman)	30	" "
	09. Ademar*	?	?
	10. Paulinho (Andói)	16	Barreira do Campo
4ª CASA	11. Tereza (Maduxerê)	28	" "
	12. Adécio*	?	?
	13. Valdeci (Krumaré)	14	Barreira do Campo
	14. Valdemi (Kuboí)	11	" "
	15. Valdeni (Dikido)	07	" "
	16. Aparecida (Bâlâbâlâ)	01	" "

BARREIRA DO CAMPO

QUADRO DE PARENTESCO

